



# A denúncia de um anônimo: traços de oralidade numa carta novecentista de Minas Gerais

Soélis Teixeira do Prado Mendes <sup>1</sup>

Izadora Lopes <sup>2</sup>

Demartone de Oliveira Botelho<sup>3</sup>

---

## RESUMO:

Objetivamos investigar a presença de vocábulos com alterações fonéticas como pistas de oralidade manifestas numa carta pessoal autônoma novecentista exarada em Minas Gerais. Como procedimentos metodológicos, utilizamos critérios filológicos para a proposição de uma edição diplomática (SPINA, 1977), a fim de torná-la mais próxima do texto original, além de também propormos o alfabeto do punho que redigiu a carta, com o objetivo de facilitar a leitura (FACHIN, 2009). Propomos uma discussão sobre a relação oralidade-escrita e gênero textual (MARCUSCHI, 2001; 2008), para constatar em que lugar do contínuo oral-escrito o gênero sob análise se encontra. Fizemos o levantamento de vocábulos que apresentavam alterações fonéticas com base em Viaro (2011), e os tipos mais recorrentes foram: *subtração* (síncope e apócope) e *transformação* (despalatização). Como resultado final, constatamos que o gênero sob análise, embora tenha sido manifesto por meio da escrita, está mais próximo da oralidade, e a presença de vocábulos com alterações sonoras, típicas da linguagem oral, e que foram captadas pela escrita reforçam que se trata de um manuscrito com vestígios de uma oralidade manifesta no início do século XX.

---

## PALAVRAS-CHAVE:

Gênero Textual;  
Carta Pessoal Anônima;  
Edição Diplomática;  
Escrita-Oralidade;  
Alterações Fonéticas.

---

<sup>1</sup> Universidade Federal de Ouro Preto, Instituto de Ciências Humanas e Sociais; Professora do Departamento de Letras e Programa de Pós-Graduação em Letras, Mariana, MG, Brasil. Endereço eletrônico: [soelis@ufop.edu.br](mailto:soelis@ufop.edu.br). ORCID: 0000-0002-3792-4974.

<sup>2</sup> Universidade Federal de Ouro Preto, Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Departamento de Letras, Aluna do Programa de Pós-Graduação em Letras, Mariana, MG, Brasil. Endereço eletrônico: [izadoralopes@aluno.ufop.edu.br](mailto:izadoralopes@aluno.ufop.edu.br). ORCID: 0000-0001-5128-8911.

<sup>3</sup> Universidade Federal de Ouro Preto, Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Departamento de Letras, Aluno do Programa de Pós-Graduação em Letras, Mariana, MG, Brasil. Endereço eletrônico: [demartone.botelho@aluno.ufop.edu.br](mailto:demartone.botelho@aluno.ufop.edu.br). ORCID: 0000-0001-9093-0874.

## 1 Considerações iniciais

Para o presente artigo, pretendemos analisar uma carta anônima<sup>4</sup>, exarada no interior de Minas Gerais, no início do século XX. A importância do estudo desse tipo de documento para a Linguística Histórica se dá pelo seguinte motivo: embora não seja nem datado e nem mesmo assinado, traços importantes para que seja feito um estudo diacrônico, é possível recuperar-lhe a data, como será discutido adiante; entretanto, a autoria não lhe é possível decifrar. Mas, ainda assim, podemos contribuir, com a presente discussão, para os estudos da história do português brasileiro, em especial para os estudos sobre indícios de uso oral apreendidos por meio de pistas gráficas em um manuscrito novecentista de Minas Gerais. Nosso objetivo é não só apresentar a transcrição e análise paleográfica do excerto desse documento, mas também fazer uma análise de alterações fonéticas que podem ser vestígios de oralidade captados pela escrita.

Como procedimento metodológico, no que diz respeito à edição, optamos pela diplomática. Ainda em relação à edição, as normas para a transcrição foram baseadas em Mendes (2008). Antes, porém, de procedermos à transcrição, propusemos o alfabeto do punho do documento analisado, pois esse é, conforme Fachin (2009), um excelente recurso que colabora para este tipo de labor - a edição de textos antigos, porque contribui para o reconhecimento de grafemas que podem nos causar dúvidas quanto a sua interpretação.

Para levantamento dos fenômenos que serão analisados na sessão 4, arrolamos todas as ocorrências de vocábulos que, em princípio, se apresentavam como alterações fonéticas. Depois de examinados minuciosamente, foram agrupados em categoria, com base em Viaro (2011), e, em seguida, procedeu-se a uma análise quantitativa. Para os limites deste artigo, optamos pelos tipos de maior ocorrência no documento analisado.

Este artigo está assim dividido: primeiramente, apresentamos os teóricos nos quais nos apoiamos; em seguida fazemos uma apresentação facsimilar do manuscrito a ser analisado, seguido de sua edição. Para complementar, apresentamos o alfabeto do punho do nosso “Anônimo”, seguido de uma breve descrição paleográfica. Logo depois, apresentamos e discutimos os dados para, em seguida, apresentamos nossas considerações finais.

---

<sup>4</sup> Como se trata de uma carta anônima e contém nomes de pessoas, foi solicitada à detentora da guarda desse documento autorização para publicá-lo com fins de fazer-lhe análise linguística. Tal autorização foi dada com a condição de que esses nomes não fossem expostos; e assim o fizemos, conforme pode ser verificado em 3, no qual apresentamos a imagem do documento e a respectiva transcrição. Aproveitamos, inclusive, para agradecer àquela que nos proporcionou fazer a análise que aqui vamos apresentar.

## 2 Pressupostos Teóricos

### 2.1 Sobre a variação linguística

A linguagem é, por natureza, um objeto sujeito a alterações por ser uma parte constitutiva do ser humano. Ora, se o homem está sempre evoluindo física e psicologicamente, é natural haver variações e mudanças linguísticas. De acordo com Labov (1962), a variação linguística é natural e é essencial à linguagem humana. Assim, o que exigiria explicação seria a ausência da variação na linguagem e não a sua presença.

Coseriu (1980), por sua vez, afirma que a diversidade linguística pode ocorrer devido a diferentes fatores e propõe uma classificação para as formas de variação: (i) diacrônica, (ii) diatópica, (iii) diastrática e (iv) diafásica. Para o presente estudo interessa-nos o tipo (iv) de variação o qual se refere às distinções entre os diversos tipos de modalidade expressiva; ou seja o tipo que ocorre de acordo com o contexto ou situação em que se dá o processo comunicativo. Há momentos em que é utilizado um registro formal e há outros em que é utilizado um registro informal.

Silvestre (2007) defende que é importante, seja para a sociolinguística sincrônica, seja para a histórica, o estudo do estilo porque pode ser considerado a projeção da dimensão social. Segundo ele:

(...) entende-se que a seleção de um estilo por parte do falante supõe que seu uso linguístico se adapte a algumas das possibilidades sociolinguísticas que se dão em sua comunidade; quer dizer, é possível estabelecer uma correlação entre a frequência de aparição de certos traços no estilo de um falante individual e os que caracterizam habitualmente um grupo social concreto (2007, p. 53) (tradução livre)

Tais apontamentos são de relevância para nossa análise porque defendemos aqui a interferência da oralidade do “Anônimo” na escrita de sua carta pessoal na qual apresenta um estilo bem informal, conforme será visto adiante.

### 2.2 Escrita-oralidade, gêneros textuais e letramento

Nosso objetivo é analisar alterações fonéticas como manifestação de oralidade captadas pela escrita, e isso nos remete à relação entre uma e outra modalidade de língua. Nossa postura diante de ambos os registros não é a de atribuir a superioridade a um ou a outro, como já se fez nas décadas de 70, 80, e 90 (GOODY,

1977; OLSON, 1977; OLSON, 1977; HALLIDAY, 1989 e ONG, 1998), e nem defendemos que essas práticas sejam vistas de forma dicotômica e estanque. Não obstante, reconhecemos que cada uma delas possui características próprias. A oralidade, por atestar variações individuais, regionais e sociais, e, em geral, pautar-se por algum desvio da norma padrão, é um fator de identidade social e regional o que pode facilmente levar à estigmatização do indivíduo. Já a escrita, pelo fato de ser geralmente pautada pelo padrão da língua, oferece uma menor possibilidade para essa estigmatização. (MARCUSCHI, 2001)

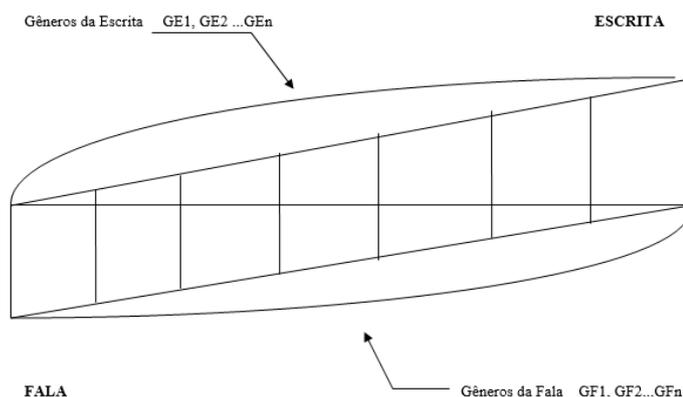
Antes de analisarmos as alterações fonéticas no *corpus* em foco, vamos discutir, brevemente, como a relação oralidade x escrita se dá em gêneros textuais, cuja definição aqui defendida se baseia em Marcuschi (2008):

Os gêneros textuais são os textos que encontramos em nossa vida diária e que apresentam padrões sociocomunicativos característicos definidos por composições funcionais, objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados na integração de forças históricas, sociais, institucionais e técnicas. (p. 25)

O gênero sob análise é uma carta pessoal anônima e, como tal, é uma prática discursiva epistolar que atende, no caso em tela, ao propósito comunicativo de fazer uma denúncia, tal como será visto adiante. Conforme Pessoa (2002), a carta pessoal é um dos gêneros mais significativos para a história das línguas, porque, por meio dela, é possível analisar sua função em diferentes momentos históricos, sua contribuição para a formação de outros gêneros e, especificamente, as transformações pelas quais a língua passa.

Os gêneros, por se constituírem uma classe aberta, possuem existência concreta expressa em diferentes designações e se manifestam em textos orais e escritos (MARCUSCHI, 2001). O autor acredita que as diferenças entre fala e escrita se dão num contínuo tipológico das práticas sociais de produção textual, no qual existe um conjunto de variações em diferentes planos; vejamos o gráfico 1:

**Gráfico 1 – Oralidade e escrita no contínuo dos gêneros textuais**



Fonte: Adaptado de Marcuschi (2001)

O GRAF.1 mostra as duas modalidades da língua-oralidade e escrita e seus diversos gêneros textuais (GE, GF) que estão dispostos sequencialmente num contínuo, respectivamente, na fala e na escrita. Cada uma das linhas verticais representa o limite de todo gênero textual, que, posto um ao lado do outro, se afasta de um dos pontos de referência e se aproxima do outro. O GF caracteriza uma espécie prototípica da oralidade, sendo a conversação espontânea um tipo de texto genuinamente oral. GE, por sua vez, caracteriza uma espécie prototípica da escrita, e a publicação acadêmica em revista específica ou em livro é seu representante. O GRAF.1 sugere, então, que existem textos escritos que se situam no contínuo mais próximos ao polo da fala/oralidade, assim, como há textos falados/orais que mais se aproximam do polo da escrita formal.

Marcuschi (2001) faz a distribuição de alguns gêneros nesse gráfico, apontando quais estão mais próximos do pólo da oralidade e quais estão mais próximos do pólo da escrita. De acordo com a análise do autor, o gênero “cartas” e “bilhetes pessoais”, embora sejam gêneros de escrita (GE), estão mais próximos do pólo da fala (ou oralidade).

Ainda segundo Marcuschi (2001), o contínuo dos gêneros textuais distingue e correlaciona os textos de cada modalidade - oralidade e escrita - quanto às estratégias de formulação textual. Tais estratégias, segundo Marcuschi, determinam o contínuo das características que produzem as variações das estruturas textual-discursivas, seleções lexicais, estilo, grau de formalidade etc. No manuscrito sob análise, o texto possui baixo grau de formalidade observado apenas na abertura da “carta”, quando se usa o vocativo “Sñr xxxxxxx”; já na primeira carta, cuja edição não será publicada aqui, o Anônimo usa do vocativo “Illmo Sñr xxxx”. No restante do texto, o autor não faz uso de nenhuma formalidade no trato com seu interlocutor. Ao contrário, suas escolhas lexicais apontam para um nível de informalidade que parece

haver (ou parecia haver) entre eles: “tu ainda ta como um trocha segurano na| cabrita pra ele mamá, é proque tu ja ta de|poca vista sinão já tinha xergado quessas mi-|ninas não são tuas fias” e se tu não criá vergonha proque o pu-|blicu tudo sabe qui o xxxxxx anda com a|cabra na roça (..)”.

As semelhanças e diferenças entre escrita-oralidade se dão num contínuo tipológico de diferentes gêneros textuais que, colocados um ao lado do outro, se afastam de um dos pontos de referência e se aproximam do outro, em função de características próprias do gênero, aliadas a outras questões que estão imbricadas nessa relação, dentre os quais destacamos o letramento. De acordo com Soares (2003), para definir letramento é necessário que se reúna numa única acepção tudo o que o termo envolve que é uma ampla variedade de "conhecimentos, habilidades, capacidades, valores, usos e funções sociais", (2003a, p. 65). Letramento envolve duas grandes dimensões: a individual e a social. Segundo Wagner<sup>5</sup> (*apud* SOARES, 2003), a primeira focaliza a simples "posse individual das tecnologias mentais complementares de ler e escrever". Já na segunda dimensão, letramento é um "conjunto de práticas sociais ligadas à leitura e à escrita em que os indivíduos se envolvem em seu contexto social." (SOARES, 2003).

Como o *corpus* é uma carta anônima, sem indicação de data e local em que foi exarada e isenta de informações acerca de seu autor, entendemos que, com base na primeira dimensão de letramento, conseguimos identificar, minimamente, a posse das tecnologias de ler e escrever por parte do “Anônimo”. Já quanto à segunda, podemos apenas indiciar-lhe alguns traços frouxos de letramento, pois o Anônimo conhece o gênero carta, visto que ela apresenta características típicas desse gênero: vocativo, na sua abertura: *Sñr.~ xxxxxxxxx* e encerramento: *pru hoje xega.|amanhan la vai outra*.<sup>6</sup>

Podemos, por outro lado, buscar, na estrutura superficial do texto, vestígios de oralidade nas alterações fonéticas em alguns itens lexicais o que pode, ou não, indicar um possível grau de letramento<sup>7</sup> do “Anônimo” e, por extensão, entrever sua prática de leitura e escrita.

Nos tópicos seguintes, trataremos do *corpus* sob análise e de alguns apontamentos paleográficos.

### 3 Apresentação do corpus e de alguns apontamentos paleográficos

<sup>5</sup> WAGNER, D.A. Ethno-graphies: an introduction. *Internacional Journal of the Sociology of Language*, v. 42, 1983.p.5-8.

<sup>6</sup> Esta segunda parte não será apresentada em função da limitação do espaço.

<sup>7</sup> Sobre graus de letramento sugerimos a leitura de Tfouni, 2001.

O *corpus* ora analisado é uma missiva cujo autor, acobertado pela autoria anônima, se dirige ao seu interlocutor com o objetivo explícito de fazer-lhe uma “revelação”. Segundo o Anônimo, o afilhado do seu interlocutor está tendo um caso com a sua esposa, e ali são feitas além de denúncia, críticas à pessoa do “amigo”:  
“Osse abre o oio| com o teu belo afiado, proque elle ta pasano| goldo, a cabrita qué apanhá o teu cobre e osse deve| sabe que não era gente pra caza proque osse não| aguenta a cabrita só mesmo pru zotro.”

Segundo Spina (1977), há diversas maneiras de se editar um texto: a edição fac-similar ou mecânica, a diplomática, a semidiplomática ou paleográfica e a edição crítica. A opção por uma ou mais de uma dessas recairá sobre qual o público almejado, pois, dificilmente uma mesma edição pode ser adequada a um público indistintamente (CAMBRAIA, 2005). Como o público que almejamos é o pesquisador da área da Linguística Histórica, que se baseia em *corpora* de um estado pretérito da língua, nossa opção recai sobre a diplomática. Esse tipo visa à atualização tipográfica do texto, mas fazendo o mínimo de intervenção possível, ou seja, todos os aspectos do texto são mantidos bem próximos ao original. Também optamos pela edição fac-similar, que é a reprodução digital do manuscrito, a partir da qual apresentamos nossa leitura desse testemunho, como segue adiante.

### **3.1 A edição do manuscrito**

	<p>[fl. 1r] Sñr.~ xxxxxxxxx </p> <p>05 Já ti privini uma veis di que o teu afia  do xxxxxxxxxx anda ti robano na moça  e tu ainda ta como um trocha segurano na  cabrita pra ele mamá, é proque tu ja ta de  poca vista sinão já tinha xergado quessas 10 mi-  ninas não são tuas fias. Todo o mundo sabe cu  xxxxxxx anda ca tua muié i ta esperano  tu more pra caza cu ella. Osse abre o oio  15 - com o teu belo afiado, proque elle ta pasano  goldo, a cabrita qué apanhá o teu cobre e osse deve  sabe que não era gente pra caza proque osse não  20 - aguenta a cabrita só mesmo pru zotro. O teu  sogro já çarou proque dezenganou com a tua  mudansa, e agora o xxxxxx ta desfruitano 25 - da tua  caborxa eu tenho dó de tu veio, proque tu caio  no laço de perna pra sima, e ta sem geto de  virá elas pra baxo. Veio já ti privini qui  30 - abre o oio com teu afiado e a cabra qué ti leva  pra sepultura. Proveita xxxxxx a cabra do veio  se tu não criá vergonha proque o pu-  35 - blicu tudo sabe qui o</p>
--	---

	xxxxxx anda com a  cabra na roça os sotro bode cu elle e ella  pega a ri ora isso é uma vergonha prum  veio cazado cuma moça nova. um veio que  <b>40</b> - foi de tanto respeito. Enquanto o veio segurá
--	---

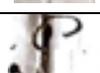
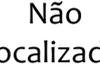
### 3.2 Apontamentos paleográficos

A Filologia e a Paleografia entrelaçam-se no processo de edição de textos, uma vez que dispõem de aparatos científicos e metodológicos para que a edição possa ser feita de acordo com a finalidade pretendida. Em relação à modalidade escrita, o manuscrito nos lança à investigação de:

#### 3.2.1 O alfabeto do punho

Editar um manuscrito antigo é um labor lento e que exige bastante rigor, pois além do estado de conservação do documento, que, por vezes, prejudica a leitura, cabe ao editor habituar-se com o tipo de escrita. Conforme Fachin (2009), a proposição do alfabeto do punho que exarou o documento é um excelente recurso que colabora e, muito, para esse processo de edição. O punho do nosso “Anônimo” possui o seguinte alfabeto:

Grafema	Maiúscula	Minúscula		
		Inicial	Medial	Final
A/a	Não localizado			
B/b				-
C/c				-
D/d	Não localizado			Não localizado
E/e				

F/f	Não localizado			-
G/g				-
H/h	Não localizado	 		Não localizado
I/i				
J/j				-
L/l				Não localizado
M/m				
N/n	Não localizado			-
O/o				
P/p				-
Q/q	Não localizado			-
R/r	Não localizado		 	
S/s				
T/t				-
U/u	Não localizado			
V/v			 	-
W/w	Não localizado	Não localizad	Não localizado	-

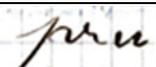
		o		
X/x	Não localizado			-
Y/y	Não localizado	Não localizado	Não localizado	-
Z/z	Não localizado			

Fonte: dados da pesquisa

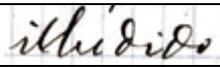
### 3.2.1.1 Características paleográficas do punho

Nesta seção apresentamos grafemas cujos traçados, em alguns vocábulos, nos ofereceram dificuldades na leitura:

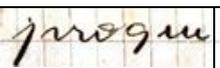
a) Há grafemas, em alguns vocábulos, que possuem traços semelhantes e podem ser confundidos, são eles: /a/ e /u/, respectivamente. Conforme:

	
“anda”	“pru”

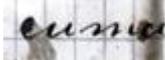
b) O grafema /h/, em alguns vocábulos, possui a parte arredondada descolada da haste, podendo ser lido, num primeiro momento, como um /l/. Conforme:

	
“ahi”	“illudido”

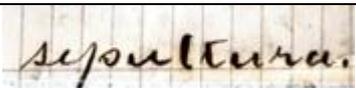
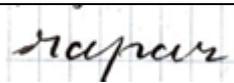
c) O grafema /p/, em alguns vocábulos, possui o “olho” descolado da haste descendente, podendo ser confundido com o grafema /j/. Conforme:

	
“proque”	“ja”

d) O grafema /e/, em alguns vocábulos, se assemelha ao grafema /c/. Conforme:

	
“ <u>e</u> las”	“ <u>c</u> uma”

e) O grafema /r/, em alguns vocábulos, pode ser confundido com o grafema /z/.  
Conforme:

	
“sepultura <u>r</u> ”	“rapa <u>z</u> ”

#### 4 Análise dos dados: alterações fonéticas

Os dados manifestos no manuscrito evidenciam casos de variação sociolinguística por meio da ocorrência de formas distintas da ortografia atual – que serve como parâmetro para o levantamento feito neste trabalho das variações fonéticas para esses dados –, e atuam como fomento para tais fenômenos de variação. Uma vez que se considera a forma ortográfica atual como parâmetro de comparação, os dados levantados não denunciam apenas formas pretéritas remetendo a formas mais antigas das palavras ou ao seu étimo, mas também a formas em variação no português brasileiro atual.

Para discussão de casos de mudanças fonéticas, nomeadas em muitas gramáticas históricas como metaplasmos, fazemos uso da obra *Etimologia*, de Mário Eduardo Viaro, por apresentar tanto definições bastante elucidativas quanto casos do português brasileiro contemporâneo, não se restringindo, portanto, a sincronias pretéritas. Com relação à etimologia, Viaro (2011, p. 131) constata que “[a]s mudanças fonéticas norteiam, de algum modo, a certeza da etimologia e [...] é expediente imprescindível para separar as boas etimologias das más”. Desse modo, apresentam-se casos extraídos do manuscrito em que a forma escrita, como representação de

uma possível produção oral, pode atuar como forma de resgate à etimologia. Já quanto a dados que evidenciam a existência de variantes encontradas atualmente no português brasileiro e presentes no século XVIII, é possível afirmar que tais variantes não são historicamente recentes, como o falante comum possa crer.

Quanto à natureza dessas modificações formais, Viaro (2011, p.130) entende que:

Entre um étimo proposto e a palavra a ser investigada, ocorrem várias modificações formais que normalmente se classificam em quatro categorias, observadas desde a Antiguidade e presente nas obras de Aristóteles (adição, subtração, transposição e transformação). Nas adições, um elemento formal qualquer, que pertença à palavra (isto é, um som ou uma sílaba) e que ocupe um determinado locus na sua estrutura, não existia na sincronia pretérita, embora exista na etapa estudada, ou seja, dado um elemento formal  $x$  qualquer e  $P$  a sua posição original, então  $P(\emptyset) > P(x)$ . Nas subtrações, passa-se o inverso dado um elemento formal qualquer num locus do étimo inexistente na palavra estudada, ou seja, dado o som  $x$  qualquer e  $P$  sua posição original, então  $P(x) > P(\emptyset)$ . Nas transposições, um determinado elemento formal do étimo não está no mesmo locus da palavra investigada, ou seja, dado som  $x$  qualquer e  $P$  sua posição original, então  $P(x) > P'(x)$ , sendo  $P \neq P'$ . Por fim, nas transformações, um elemento formal, que ocupa um determinado locus não é o mesmo na palavra investigada, ou seja, dado um som  $x$  qualquer e  $P$  sua posição original, então  $P(x) > P(y)$ , sendo  $x \neq y$ .” [grifos do autor]

O manuscrito sob análise apresenta muitas ocorrências de mudanças fonéticas, no entanto, por questões de espaço, propomo-nos a analisar as duas categorias mais recorrentes: (i) subtração e (ii) transformação. Em (i) ocorre apagamento de fonemas seja no início, no meio ou no fim da palavra, já em (ii) o fonema afetado se transforma em outro. No que tange à subtração, este estudo restringiu-se às *síncopes* (subtração de fonema no interior do vocábulo) e às *apócopes* (apagamento do fonema no fim do vocábulo). Para a análise das transformações, restringimo-nos à *despalatalização* com conseqüente *iotização*, e, para isso, nos baseamos em Aragão (1996). Quantitativamente, o corpus apresenta, aproximadamente, 111 ocorrências de modificações fonéticas, e, percentualmente, tem-se *subtração* com 52% - dos quais 21% se referem à *síncope* e 12% à *apócope*; já a *transformação* possui 37% de ocorrência com a *iotização*.

Nos dados que se seguirão adiante, a representação das análises de mudanças fonéticas foi estabelecida da seguinte forma: <palavra extraída do corpus> [linha em que aparece o dado no corpus] = mudança fonética ocorrida identificado étimo

[transcrição fonológica<sup>8</sup> do étimo] > palavra extraída do manuscrito [transcrição fonológica do vocábulo-ocorrência] – em destaque, encontra-se o fonema que manifesta a alteração.

Sobre os tipos de síncope, segundo Viaro (2011, p. 138), “Um tipo bastante comum são as monotongações. No português europeu, *ou* > [o] de forma sistemática [...] enquanto no Brasil, a ditongação faz parte da pronúncia cuidadosa, sendo, portanto, uma variante estilística”. Presentes no manuscrito, encontram-se os seguintes casos: <roobano> [l.5] = monotongação **roubando** /row'bãdu/ > roobano /roo'bãnu/; <troocha> [l.7] = monotongação; <trouoxa> /'trouoʃe/ > troocha /'trooʃe/; <pooca> [l.9] = monotongação **pouca** /'powoʃe/ > pooca /'pooʃe/.

Há ainda outro tipo de monotongação, como aponta Viaro (2011, p.138), que é a monotongação *ei* > [e] de forma sistemática em dialetos meridionais portugueses.” No português brasileiro, segundo o autor, “é comum apenas a monotongação diante de sons [r], [ʃ] e [ʒ]. Também na pronúncia cuidadosa, o ditongo é pronunciado no Brasil como [ej] [...]”. Presentes no *corpus*, encontram-se os seguintes dados: <geoto> [l.28] = monotongação **jeito** /'ʒeytu/ > geoto /'ʒeotu/; <respeoto> [l.40] = monotongação **respeito** /res'peyotu/ > respeoto /hes'peotu/;

Fortuitamente, o exemplo trazido por Viaro para a monotongação do ditongo *ai* é precisamente o mesmo ocorrido na carta analisada: “A monotongação pode ocorrer com o ditongo *ai* antes de [ʃ], como em *baixo* > ['baʃu]” (VIARO, 2011, p. 138). Segue o dado na carta: <baoxo> [l.29] = monotongação **baixo** /'bayoʃu/ > baoxo /'baoʃu/;

Há, ainda, o caso das síncopes do [d] em gerúndios. Sobre isso, comenta Viaro (2011, p. 149): “alguns fenômenos são antigos e esporadicamente documentados, como é o caso de síncopes de oclusivas antecidas de nasais como em: [...] **gerúndios**” [grifos do autor]. Para esse caso, foram levantadas as seguintes ocorrências no documento: <robano> [l.5] = síncope **roubando** /row'bãodu/ > robano /ro'bãonu/; <segurano> [l.7] = síncope **segurando** /segurãodu/ > segurano /segurãonu/; <esperano> [l.3] = síncope **esperando** /esperãodu/ > esperano /esperãonu/; <passano> [l.16] = síncope; **passando** /pasãodu/ > passaono /pasãonu/; <desfruitano> [l.24] = síncope **desfrutando** /desfrutãodu/ > desfruitano /desfrutãonu/.

Sobre as apócope, Viaro (2011, p.154) comenta que “o português brasileiro falado também eliminou o -r do infinitivo, a não ser na linguagem formal utilizada, sobretudo, nas falas solenes em público”. No *corpus*, tem-se: <mamáo> [l.8] = apócope **mamar** /ma'mar/ > mamáo /ma'mao/; <quéo> [l.17; l.30] = apócope **quer**

<sup>8</sup> Vale ressaltar que se optou pela transcrição fonológica, em detrimento da fonética, por não possuímos o registro oral do “Anônimo”.

/ˈkɛr/ > quéɐ /ˈkɛɐ/; <leva> [l.31] = apócope levar /ˈlɛvɛr/ > leva /ˈlɛvɛɐ/; <criá> [l.34] = apócope; criar /ˈkriɛr/ > criar /ˈkriɛ ɐ /; <rio> [l.38] = apócope rir /ˈrir/ > rio /ˈrio/; <segurá> [l.40] = apócope; segurar /seguˈrɛr/ > segurá /seguˈrɛɐ/; <achao> [l.31] = apócope achar /aˈʃar/ > acho /aˈʃaɐ/; <xegao> [l.35] = apócope chegar /ʃeˈgar/ > xego /ʃeˈgaɐ/.

No corpus, há a ocorrência de – **muié** – fenômeno para o qual Viaro (2011, p. 154) faz a seguinte análise: “Outros –r de substantivos e verbos também desaparecem”: <muié> [l.13] = apócope mulher /muˈlɛr/ > muié /muyˈyɛɐ/;

Quanto às transformações, focalizou-se igualmente na de maior frequência, que foi a *despalatalização* com conseqüente *iotização*, que consiste. Segundo Aragão (1996, p.2), cuja pesquisa teve como base o *corpus* de língua falada denominado *Dialetos Sociais Cearenses*, “Em determinados contextos, por facilidade ou relaxamento de articulação o /ʎ/ e o /ɲ/ podem perder o traço palatal, passando a ser articulados como alveolares /l/ e /n/, como iode /y/, ou sofrer apagamento, desaparecendo.” Compreende-se, assim, que os dados que se manifestam no *corpus* referem-se à transformação do fonema palatal /ʎ/ no iode /y/, vejamos: <afiado> [l.5; l.30] = despalatalização afilhado [afiˈʎadu] > afiado [aˈfyadu]; <fias> [l.11] = despalatalização filhas [ˈfiˈʎas] > fias [ˈfyas]; <muié> [l.8] = despalatalização mulher [muˈlɛr] > muié [muˈyɛ]; <oio> [l.14] = despalatalização olho [ˈoˈʎu] > oio [ˈoyu]; <veio> [l.26; l.33; l.39; l.40] = despalatalização velho [ˈvɛˈʎu] > veio [ˈveyu].

Conforme foi possível verificar, em todos os dados acima apresentados e discutidos, são fenômenos típicos da oralidade: síncope \_ monotongação de ou > [o]; ei > [e]; ai > [a]; apócope do –R final em infinitivos (e no substantivo “muié”); a despalatalização/iotização com a transformação de lh > [y] também é um fenômeno típico da fala/oralidade.

A transcrição e edições fac-símile e semidiplomática do processo-crime de defloração em tela compõe o banco de dados digital do Projeto Para a História do Português Brasileiro da regional Sergipe (BDD-PHPB/SE). As normas para a edição semidiplomática<sup>9</sup> utilizadas nesse trabalho, com suas devidas adaptações, seguem o padrão adotado pela equipe nacional do PHPB:

1. A transcrição foi conservadora.
2. As abreviaturas foram desenvolvidas, marcando-se, em itálico, as letras omitidas. No caso de variação no próprio documento ou em coetâneos, a opção foi para a forma atual.

<sup>9</sup> Estas normas estão disponíveis em Castilho (2019), Marengo *et al.* (2018) e Marengo e Teixeira (2019).

3. Não foi estabelecida fronteira de palavras que viessem escritas juntas, nem se introduziu hífen ou apóstrofo onde não havia.
4. A pontuação, acentuação, emprego de maiúsculas e minúsculas e a divisão das linhas dos originais foram mantidos.
5. A mudança de fólio recebeu a marcação entre colchetes com o respectivo número e indicação de reto ( r ) ou verso ( v ).
6. Na edição, as linhas foram numeradas de cinco em cinco a partir da quinta. Essa numeração se encontra à margem direita da mancha, à esquerda do leitor. Foi feita de maneira contínua, mas reiniciando a cada uma das partes específicas que compõe o processo-crime.
7. As assinaturas foram sublinhadas e indicadas entre parênteses uncinados.

## 5 Considerações Finais

Nossa proposta para este artigo era investigar as alterações fonéticas ocorridas na “carta pessoal anônima” que serviu de *corpus* para este estudo, como manifestação de oralidade captada pela escrita. Para tanto, discutimos, inicialmente, a relação entre escrita e oralidade, gênero textual e letramento, e assumimos que os gêneros textuais estão dispostos sequencialmente num contínuo que vão de um pólo da fala/oralidade à escrita. Há gêneros que, embora pertençam ao polo da fala/oralidade (GF), estão mais próximos da escrita (GE) e vice-versa. No caso do *corpus* sob análise, que é uma carta pessoal, pertence ao gênero escrito, mas que está mais próxima do pólo da fala/oralidade. Conforme vimos, dentre alguns fatores que colaboram para isso, está o estilo adotado. No documento analisado, vimos que o “Anônimo” usa um estilo bastante informal com seu interlocutor e esse estilo informal pode ser analisado como a projeção da dimensão social. Em outros termos, o uso linguístico que o indivíduo realiza na escrita nada mais é que o uso linguístico da comunidade em que vive. Isso ratifica o que foi também discutido acerca da oralidade que, comparada à escrita, manifesta variações individuais, regionais, sociais.

Quanto ao letramento, vimos que o “Anônimo” parece ter, em relação à 1ª dimensão, um grau razoável de letramento, visto que, minimamente, conhece as partes constitutivas de uma carta. Entretanto, em relação à 2ª dimensão, como não tivemos condições de fazer uma análise mais profunda a fim de verificarmos se possuía uma prática diária de escrita e leitura, podemos fazer uma abstração sobre essa questão a partir das pistas gráficas que o “Anônimo” deixou no texto.

Tais pistas gráficas se referem ao registro de vocábulos com as alterações fonéticas aqui analisadas: síncope, com monotongação; apócope do –R em fim de

vocábulo e despalatalização/iotização, visto que são fenômenos tipicamente da fala/oralidade, conforme se discutiu quando da análise dos dados.

## Referências

ARAGÃO, M. S.S. de. et al. A despalatalização e consequente iotização no falar de Fortaleza. Natal/UFRN: **Caderno de Resumos - Jornada de estudos linguísticos do GELNE – XIV-30/10 a 01/11**, 1996.

CAMBRAIA, C. N. **Introdução à crítica textual**. SP. Martins Fontes, 2005.

SILVESTRE, J.C.C. **Sociolingüística Histórica**. Madrid: Gredos, 2007.

COSERIU, E. **Lições de lingüística geral**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1980.

FACHIN, P. R. M. **Crêterios de leitura de manuscritos**: em busca de lições fidedignas. *Filologia e Linguística Portuguesa*. São Paulo, n. 10/11, 2009. p. 237-262. ISSN 2176-9419. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.11606/issn.2176-9419.voi10-11p237-262>>. Acessado em: 27/06/2022.

HALLIDAY, M.A.K. **Spoken and written language**. Oxford: Oxford University Press, 1989.

GODDY, J. **The domestication of the savage**. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.

LABOV, W. **The social history of sound change on the island of Martha's Vineyard, Massachusetts**. Master's essay. Columbia University, 1962.

MARCUSCHI, L. A. **Da fala para a escrita**: atividades de retextualização. SP: Cortez, 2001.

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.

MENDES, S. T. do P. **Combinações lexicais restritas em manuscritos setecentistas de dupla concepção discursiva**: escrita e oral. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

OLSON, D.R. **From utterance to text**. The bias of language in speech and writing. *Harvard Education Review*. No. 47, 1977, p. 258-281.

ONG, W. **Oralidade e cultura escrita** : a tecnologização da palavra. São Paulo: Papyrus, 1986.

PESSOA, M. B. Da carta a outros gêneros textuais. In: DUARTE, M. E. L.; CALLOU, D (Orgs.). **Para a história do português brasileiro**. Rio de Janeiro: UFRJ/LETRAS FAPERJ, 2002. p. 198-205.

SILVESTRE, J.C.C. **Sociolingüística Histórica**. Madrid: Gredos, 2007.

SOARES, M. **Letramento um tema em três gêneros**. BH: Autêntica, 2003b.

SPINA, S. **Introdução à edótica: crítica textual**. SP: Cultrix, 1977.

TFOUNI, L.V. A escrita – remédio ou veneno? In: AZEVEDO, M.A; MARQUES, M.L. **Alfabetização Hoje**. SP: Cortez, 2001. p. 51-69.

VIARO, M.E. **Etimologia**. SP: Contexto, 2011.



# **THE DENUNCIATION OF AN ANONYMOUS: traces of orality in a twentieth- century letter from Minas Gerais**

---

## **ABSTRACT:**

This paper aims to investigate the presence of words with phonetic changes as a means of orality clues manifested in an autonomous personal twentieth-century letter written in Minas Gerais. As for methodological procedures, philological criteria for the proposition of a diplomatic edition (SPINA, 1977) were used to make it closer to the original text, in addition to proposing the alphabet handwritten by the hand that wrote the letter, in order to make reading easier (FACHIN, 2009). A discussion about the oral-written relationship and textual genre (MARCUSCHI, 2001; 2008) is hereby proposed to verify where in the oral-written continuum the genre under analysis is placed. A survey on words that presented phonetic changes based on Viaro (2011) was carried out, and the most recurrent types were: subtraction (syncope and apocope) and transformation (despalatization). Lastly, it was evinced that, although manifested through writing, the genre under analysis is closer to orality and the presence of words with sound changes, typical of oral language, and which were captured by writing, reinforce that this is about a manuscript with traces of a type of orality manifested at the beginning of the 20th century.

---

## **KEYWORDS:**

Textual Genre;  
Anonymous Personal  
Letter;  
Diplomatic Edition;  
Writing-Orality;  
Phonetic Changes.